



# A QUESTÃO DA SINONÍMIA NA TERMINOLOGIA DO BABAÇU DO MARANHÃO

---

## THE QUESTION OF SYNONYM IN THE TERMINOLOGY OF BABASSU IN MARANHÃO

Theciana Silva Silveira<sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Maranhão*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar os processos que motivam a sinonímia presentes na terminologia do babaçu, com base na fala das quebradeiras de coco do Maranhão. Para tanto, fundamenta-se nas discussões teóricas do estudo da sinonímia no domínio da semântica (e da terminologia). O corpus da pesquisa é constituído por textos da fala das quebradeiras de coco babaçu, de sete municípios maranhenses. Com base na análise dos dados, foi possível identificar os processos que motivam o fenômeno sinonímico na terminologia estudada, entre eles: os processos metafóricos e os processos hiperonímicos/hiponímicos. Pretende-se com este trabalho corroborar os trabalhos que entendem que a sinonímia é um fenômeno imprescindível para a descrição da realidade terminológica.

Palavras-Chave: Sinonímia; Terminologia; Babaçu.

**Abstract:** This work aims to analyze the processes that motivate the synonymy in the terminology of babassu, based on the speech of the “quebradeiras de coco” (coconut breaker women) of Maranhão.

---

<sup>1</sup> E-mail: thecianasilveira@gmail.com.

---

Therefore, it is based on theoretical discussions of the study of synonymy in the domain of semantics (BARBOSA, 1999) and terminology (CABRÉ, 1993, 1999). The research corpus was extracted from the ALiMA database and consists of texts from the speech of the “quebradeiras de coco”, from seven municipalities in Maranhão. Based on the data analysis, it was possible to identify the processes that motivate the synonymic phenomenon in the terminology studied, among them: the metaphorical and hyperonymic/hyponymic processes. The aim of this text is to corroborate the works that understand that synonymy is an essential phenomenon for the description of the terminological reality.

Keywords: Synonymy; Terminology; Babassu.

## INTRODUÇÃO

A palmeira de coco babaçu<sup>2</sup> é uma oleaginosa da família botânica *Arecaceae*, *Orbignyaphalerata*, presente em diversos países da América Latina. É uma das mais importantes palmeiras brasileiras. Atualmente, é o segundo maior produto florestal não madeireiro dos mais vendidos no Brasil e é encontrado, principalmente, em plantações conhecidas como babaçuais, concentradas nos estados do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí, havendo ainda presença de babaçuais na Bahia e no Ceará e em menor expressão em outros estados do País.

A palmeira do coco babaçu tem um papel significativo no cenário econômico da agricultura do estado, tanto no plano industrial, com as grandes indústrias de beneficiamento, como no plano da atividade extrativista em si (realizada por famílias de baixa renda, com a coleta e a quebra do coco) e da produção artesanal (de óleo, sabonete, farinha e biscoito).

Nesse cenário, o estado do Maranhão, principal produtor brasileiro de amêndoas de babaçu<sup>3</sup>, respondeu, em 2014, segundo dados do IBGE, por 94%

---

<sup>2</sup> O babaçu, dependendo da região, pode ser chamado também de *coco-palmeira*, *coco-de-macaco*, *coco-pindoba*, *baguaçu*, *uauaçu*, *catolé*, *andaiá*, *andajá*, *indaia*, *pindoba*, *pindobassu* ou ainda vários outros nomes (CARAZZA, 2012, p. 13).

<sup>3</sup> Vale destacar que, na *Poranduba maranhense* – escrita no século XIX, na década de 20, por Frei Francisco de Nossa Senhora do Prazeres Maranhão – já encontramos registro da existência de extensas áreas de babaçuais no Maranhão, bem como da ampla variedade de produtos obtidos com base no babaçu. Sobre a palmeira, diz-nos o autor: “(...) planta pouco diferente do coqueiro, não produz tamaras, mas sim uns côcos pequenos xeios de amêndoas oleozas, que se

---

do total nacional, com uma produção de 79.305 toneladas, que rendeu ao estado R\$ 147.129.000,00. Ainda de acordo com informações do IBGE, no ranking dos 20 municípios maiores produtores de amêndoas de babaçu, todos são maranhenses.

*Desse modo, a atividade agroextrativista do babaçu é de fundamental importância para diversos setores no estado, uma vez que abrange notadamente os níveis econômico, social e cultural.*

Tendo em vista esse panorama, convém destacar que o trabalho de coleta e trato do babaçu oferece uma excelente oportunidade para registro do vernáculo, visto que muitas trabalhadoras conservam, em seu discurso, formas linguísticas próprias, pertencentes a um vernáculo característico do estado. Por ser coletiva e, em geral, envolver diferentes gerações de uma mesma família, a atividade congrega vários sujeitos que interagem em situações naturais de comunicação linguística, realizadas sob a forma de conversas, cantorias e relatos de experiências pessoais. Todo esse material linguístico traz consigo uma parte específica do léxico da língua portuguesa, que é o léxico profissional e técnico do babaçu.

Assim, esse universo torna-se um campo fértil para pesquisas de natureza linguística, pois é constituído de termos provenientes da língua geral, termos emprestados de outras áreas e termos gestados no interior do próprio domínio. Permeando esse rico conjunto vocabular, está a sinonímia, nosso objeto de análise.

Por essa razão, recolhemos termos relativos ao babaçu dentro do meio social em que são produzidos e utilizados, objetivando descrever e analisar o

---

comem. Esta planta enquanto pequena xama-se pindobeira, as suas folhas proximas ao olho xamam-se pindoba, e servem para cobrir cazas, como também para cofos esteiras etc. O olho mais tenro da pindobeira denomina-se palmito, e come-se, guizado como repolho. Existem matas de palmeiras muito extensas.” (MARANHÃO, 1946, p. 162).

---

fenômeno da sinonímia motivado pelos processos metafórico e hierárquico registrados nesse domínio, com base na fala das quebradeiras de coco.

Para desenvolver o tema, o presente artigo está dividido em: (i) considerações sobre a sinonímia – nesse item tratamos de fundamentos teóricos acerca da sinonímia, bem como o tratamento desse fenômeno na Terminologia; (ii) caminhos metodológicos, em que trazemos o percurso metodológico desde a aplicação dos questionários até o tratamento e a seleção dos dados; (iii) as análises, na qual abordamos o uso da sinonímia por meio de processos metafóricos e das relações hierárquicas; e, por fim, as considerações finais acerca da discussão apresentada.

## 1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A SINONÍMIA

A sinonímia é definida pelos dicionários gerais como “qualidade das palavras sinônimas; relação de sentido entre dois vocábulos que têm significação muito próxima” (DHLP, p. 1750); “qualidade ou caráter de sinônimo; relação entre palavras sinônimas” (NA, p.1862), e “relação de sentido entre dois vocábulos que têm significação própria” (NDCLP, p. 1268). Nas acepções encontradas nos dicionários gerais, embora seja registrada a ideia geral do que é a sinonímia, é necessário, para efeito deste trabalho, descrever de forma mais detalhada o que é sinonímia e as discussões que giram em torno do seu conceito.

Nos estudos linguísticos, especialmente o de Lyons (*apud* ARAUJO, 2006), o conceito de sinonímia parece não se diferenciar dos dicionários gerais; em suas próprias palavras, Lyons afirma que: “as expressões com igual significado são sinônimas”. Entretanto, o autor prossegue ampliando esse conceito dando ênfase à complexidade de delimitar o que é sinonímia.

[...] Haveria que se fazer duas observações a essa definição. A primeira é que a relação de sinonímia não se limita aos lexemas: pode ocorrer que

---

expressões lexicamente simples tenham o mesmo significado que expressões lexicamente complexas. A segunda supõe que a identidade, e não meramente a semelhança, seja critério da sinonímia. Neste último sentido se diferencia da definição de sinonímia que se pode encontrar em muitos dicionários padrões e daquela com a que os mesmos lexicógrafos operam ordinariamente. Muitas das expressões recolhidas como sinônimas nos dicionários gerais ou especializados são o que poderia denominar-se **quase-sinônimos**: expressões que são mais ou menos semelhantes no significado; mas não são idênticas [...] (LYONS *apud* ARAUJO, 2006, p. 20).

Desse modo, o autor ressalta a pouca probabilidade de existência da sinonímia absoluta, em que todos os significados sejam iguais e intercambiáveis em todos os contextos de uso e acrescenta que existem poucos sinônimos perfeitos nas línguas naturais, mostrando que existem graus de sinonímia: (i) sinonímia absoluta (cuja existência é questionada) e (ii) quase-sinonímia.

Ullmann (1965), por sua vez, posiciona-se defendendo a existência da sinonímia absoluta, embora inicie seu texto com dois autores que negam essa posição. Primeiro, Ullmann (1965, p. 291) traz a aceção de Macaulay, que afirma que a sinonímia “modifica a estrutura da oração; substitui um sinônimo por outro; e todo efeito será destruído”; em seguida, o autor cita Bloomfield: “cada forma linguística tem um significado constante e específico. Se as formas são foneticamente diferentes, supomos que os seus significados são também diferentes... Supomos, em resumo, que não há sinônimos reais”.

Entretanto, mesmo citando as visões apresentadas por Macaulay e Bloomfield, Ullmann apresenta uma visão diferente no que concerne à existência da sinonímia absoluta:

Embora haja de facto uma grande dose de verdade em tais afirmações, seria errôneo negar a possibilidade de completa sinonímia. Bastante paradoxalmente, encontra-se onde menos seria de se esperar: nas nomenclaturas técnicas. O facto de os termos científicos serem precisamente delimitados e emocionalmente neutros permite-nos averiguar de modo absolutamente definido se dois deles são completamente permutáveis, e a sinonímia absoluta não é, de modo

---

algum, pouco vulgar. Estudos recentes sobre a formação de terminologias industriais mostraram que vários sinônimos surgirão por vezes em torno de uma nova invenção, até que, eventualmente, se separam. Tal sinonímia pode mesmo persistir durante um período indefinido (ULLMANN, 1965, p. 292).

De acordo com a citação, podemos afirmar que o autor defende a existência da sinonímia absoluta, principalmente, quando se trata das áreas de especialidade. Para verificar a existência da sinonímia, ele propõe o teste de substituição, recomendado por Macaulay, da intercambialidade do termo sinônimo em todos os contextos. Esse teste “trata-se de um dos processos fundamentais da linguística moderna, e, no caso dos sinônimos, revela ao mesmo tempo se são permutáveis e em que medida.” E prossegue: “Se a diferença é predominantemente objectiva, encontrar-se-á muitas vezes uma certa sobreposição no significado: os termos em questão podem ser permutados em alguns contextos, mas não noutros.” (ULLMANN, 1965, p. 296).

No entanto, esse autor assegura que não haverá sinonímia se as palavras ou termos pertencerem a registros ou níveis de estilo totalmente diferentes. Em suas próprias palavras:

Se, por outro lado, a diferença entre sinônimos é principalmente emotiva ou estilística, pode não existir nenhuma sobreposição: por muito próximos que se encontrem no que se refere ao significado objectivo, pertencem a registros ou níveis de estilo totalmente diferentes, e não podem normalmente ser permutados (ULLMANN, 1956, p. 296).

Assim, só poderão ser considerados sinônimos as palavras ou termos que são intercambiáveis em qualquer contexto sem mudança de sentido.

Já para Barbosa (1999), a sinonímia consiste nos elementos de um campo lexical que possuem a mesma referência cognitiva e conotativa, e a mesma distribuição. Nesse sentido, as palavras ou termos devem ser intercambiáveis em todos os contextos. De outro lado, os parassinônimos são as unidades

---

lexicais que apresentam a mesma referência cognitiva, entretanto as referências conotativas se diferem e possuem distribuição aproximada.

A autora entende que na sinonímia (homossemia total) há dois ou mais elementos do conjunto significante, que correspondem somente a um elemento do conjunto de significado. Por outro lado, na quase-sinonímia/parassinonímia (homossemia parcial) há dois ou mais elementos do conjunto do significante, em relação à oposição disjuntiva, correspondem dois ou mais elementos do conjunto significativo. Assim, Barbosa entende que a relação de significação de sinonímia e de parassinonímia apresenta uma relação de dependência.

### 1.1 A sinonímia na Terminologia

Retomando os estudos terminológicos, julgamos importante refletir acerca do tratamento dado à sinonímia nesse âmbito. Como vimos, a TGT postulava que para cada conceito deveria haver apenas uma forma, buscando a univocidade dos termos. Segundo Wüster (1998, p. 137), “[...] não deveria haver denominações ambíguas (homônimos e polissemia), nem múltiplas denominações para um mesmo conceito (sinônimos)”<sup>4</sup>. Além disso, Wüster já observava uma diferenciação entre os termos sinônimos. Para ele:

A diferenciação que se faz mais frequente entre sinônimos se baseia nas diferenças entre denotação e conotação, quando estas duas influências não estão separadas. Essa diferença nos leva a distinguir entre sinônimos globais e sinônimos aproximados. Os sinônimos globais simultaneamente sinônimos absolutos e sinônimos sem matiz. Os sinônimos aproximados, por sua vez, podem responder a várias combinações [...]: podem ser sinônimos sem matiz, ou bem sinônimos absolutos e conceitualmente matizados. Os sinônimos aproximados também se denominam quase-sinônimos. A maioria dos sinônimos não são nem absolutos nem globais: só são sinônimos aproximativos (WÜSTER, 1998, p. 138).<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Tradução nossa de: “[...] no debería haber denominaciones ambiguas (homónimos y polisemia), ni denominaciones múltiples para un mismo concepto (sinónimos).”.

<sup>5</sup> Tradução nossa de: “La diferenciación que se hace más frecuentemente entre sinónimos se basa en las diferencias entre denotación y connotación, cuando estas dos influencias no están separadas. Esta

---

Nesse sentido, Wüster assinala a existência de sinônimos, destacando que a maioria deles são sinônimos aproximativos, embora não negue a existência dos sinônimos absolutos.

Por outro lado, a TCT não só reconhece a existência da sinonímia, como também evidencia o seu aspecto funcional nas linguagens de especialidade, considerando, portanto, a teoria proposta por Wüster como reducionista e idealista. Desse modo, Cabré, ao apresentar os fundamentos de sua teoria, postula, como um dos princípios, a variação. De acordo com esse princípio (o terceiro de sua teoria),

Todo processo de comunicação comporta inerentemente variação, explicitada em formas alternativas de denominação do mesmo conceito (sinonímia) ou abertura significativa de uma mesma forma (polissemia). Este princípio é universal para as unidades terminológicas, embora admita diferentes graus segundo as condições de cada tipo de situação comunicativa (CABRÉ, 1999, p. 85).<sup>6</sup>

As condições do *Princípio sobre a variação* levaram ao estabelecimento de algumas nuances para a ocorrência da sinonímia. *Grosso modo*, a TCT considera termos sinônimos quando estes designam um mesmo conceito, e estabelece a seguinte sistematização:

- sinonímia entre uma denominação e sua definição  
Ex: *párrafo = cada una de las divisiones de un escrito, señaladas con letra mayúscula al principio del reglón y punto aparte al final del trozo de escritura.*

---

*diferencia nos lleva a distinguir entre sinónimos globales y sinónimos aproximados. Los sinónimos aproximados, por su parte, pueden responder a varias combinaciones (...): pueden ser sinónimos relativos y sinónimos conceptualmente matizados o sin matiz, o bien sinónimos absolutos y conceptualmente matizados. Los sinónimos aproximados también se denomina cuasi sinónimos. La mayoría de los sinónimos no son ni absolutos ni globales: sólo son sinónimos aproximativos.*

<sup>6</sup> Tradução nossa de: 3. *Princípio sobre La variación.* “Todo proceso de comunicación comporta inerentemente variación, explicitada en formas alternativas de denominación del mismo concepto (sinonímia) o en apertura significativa de una misma forma (polissemia). Este principio es universal para las unidades terminológicas, si bien admite diferentes grados según las condiciones de cada tipo de situación comunicativa.”.

- 
- sinonímia entre uma denominação e uma ilustração do mesmo conceito
  - sinonímia entre termos equivalentes de línguas diferentes  
Ex: *edificio* = *bâtiment* = *building*
  - sinonímia entre denominações de diferente língua funcional  
Ex: *recinto penitenciario* = *prisión* = *chirona*
  - sinonímia entre denominações alternativas da mesma língua histórica  
Ex: *pedologia* = *edafologia* (CABRÉ, 1993, p. 216).

Em consonância com a TCT, a TST, que tem como principal representante Termmerman (2001), entende como essenciais fenômenos como polissemia e sinonímia. Para a autora, esses fenômenos são necessários (funcionais) e inevitáveis na terminologia, uma vez que, nos *corpora* de textos estudados sobre a vida e a ciência, a polissemia e a sinonímia são evidentes. Considera, ainda, a polissemia como o resultado da evolução do significado, de pensamentos metafóricos e da reflexão de como o homem vê o mundo, e a sinonímia, como forma de refletir as diferentes perspectivas.

A Socioterminologia entende a terminologia como parte integrante das línguas naturais, logo, suscetível a fenômenos linguísticos e sociais. É com base nos trabalhos de Auger e Boulanger que a perspectiva socioterminológica "vem atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas" (BOULANGER *apud* FAULSTICH, 2006, p. 29). A dedicação na elaboração de trabalhos sobre a interface linguística e social da Terminologia gerou proposições como a seguinte tipologia da sinonímia, de AUGER (2001): 1 sinonímia geográfica ou regional; 2 sinonímia cronológica ou temporal; 3 sinonímia de nível de língua; 4 sinonímia profissional, que pode ser classificada em sinonímia interprofissional, sinonímia socioprofissional e sinonímia interteórica; 5 sinonímia funcional, que pode ser classificada em sinonímia por empréstimo, sinonímia ortográfica, sinonímia sintagmática e sinonímia sintática; 6 sinonímia de concorrência ou socioeconômica, que pode ser classificada em sinonímia publicitária e sinonímia genérica/específica; e 7 sinonímia frequencial.

---

Com a proposição dessa tipologia sinonímica, torna-se evidente a existência da variação, que ultrapassa os limites puramente linguísticos, sendo ocasionada por fatores extralinguísticos de ordem *geográfica, cronológica, profissional* que é expressa, na terminologia, por meio de fenômenos como a *sinônima, homonímia, polissemia*.

Koucorek aborda a sinonímia nas línguas de especialidade e define sinônimo terminológico como:

"O termo sinônimo do termo A é um termo formalmente diferente, chamado termo B que, no mesmo sistema terminológico, designa o mesmo *significatum* ou sentido (a mesma noção) que o termo A e que é capaz de ocupar a mesma função sintática."

O termo sinônimo do termo A é um termo B que é intercambiável com o termo A no *definiendum* (=definido) de sua definição (KOUCOREK, 1984, p. 53 *apud* CONTENTE *et al.*, p. 3).<sup>7</sup>

Segundo Koucorek (1984), os termos sinônimos são termos formalmente diferentes, entretanto, têm o mesmo sentido. O autor ainda defende que a sinonímia, um dos fenômenos essenciais da língua, é caracterizada pela pluralidade de formas ligadas à identidade ou à proximidade de sentido.

Como foi possível observar, a sinonímia é um tema bastante discutido em diversos âmbitos, comportando, inclusive, variações do próprio termo *sinonímia*. No nosso trabalho, entendemos *sinonímia* como a relação entre dois ou mais termos, com sentidos semelhantes e que designam o mesmo objeto de cada grupo sinonímico analisado.

---

<sup>7</sup> Tradução nossa de: "Le terme synonyme Du terme A est un terme formellement différent, appelé terme B, qui, dans le même système terminologique, designe le même significatum ou sens (La mêmemention) que le terme A et qui est capable de remplir la même fonction syntaxique". "Le terme synonyme du terme A est un terme B qui est interchangeable avec le terme A dans le definiendum (= défini) de sa définition."

---

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

### 2.1 Constituição do corpus

O corpus foi extraído do banco de dados do ALiMA, vinculado ao ALiB. O ALiMA busca investigar as particularidades do português falado no Maranhão em diferentes níveis linguísticos, como o fonético e fonológico, morfossintático e lexical. O Projeto conta também com a vertente de Produtos Extrativistas e Agroextrativistas Maranhenses – área na qual este trabalho se insere, com o produto *Babaçu*.

Os dados da pesquisa são constituídos de textos orais, extraídos da fala das quebradeiras de coco babaçu, obtidos por meio da aplicação do QSL, que possui 54 questões, em sete municípios maranhenses: Buriti, Cantanhede, Itapecuru, Presidente Vargas, São Bento, Vargem Grande e Viana, somando o total de 10 informantes, identificados por meio de um código que apresenta as seguintes informações: as primeiras letras representam as iniciais dos seus nomes, seguidas dos números que indicam a ordem dos informantes e das iniciais do nome do município, como podemos observar na descrição: D.M.S\_01B. Foram selecionados informantes com o seguinte perfil:

- idade: maiores de 18 anos que trabalham com o coco babaçu há pelo menos cinco anos;
- naturalidade: pessoas naturais das localidades pesquisadas ou que nelas residam por mais de um terço de sua vida.

Os municípios foram escolhidos de acordo com a distribuição da produção de babaçu em toneladas, abarcando os cinco níveis de produção de coco babaçu no Maranhão. As entrevistas têm duração entre 24 minutos a uma hora,

---

somando o total de sete horas e 44 minutos, constituindo um corpus com 70.148 palavras.

## **2.2 Extração dos termos, formação do repertório lexical e seleção dos conjuntos de termos e suas variantes**

Após as transcrições das entrevistas, a extração dos termos foi feita de forma manual e automática. Antes de processar as transcrições em formato *txt* no programa computacional, lemos todas as entrevistas, selecionando os candidatos a termos com base nos contextos e na importância do termo para a atividade da quebra do coco, observando os que são característicos dessa atividade e os que fazem parte da língua geral, mas que recebem outro sentido no contexto analisado. Essa etapa manual foi importante para maior aproximação do domínio investigado, possibilitando uma seleção qualitativa dos termos.

Em seguida, lançamos mão do programa *Antconc* para buscar os termos mais frequentes e os contextos em que aparecem, para então elaborar a lista de termos. Desse modo, pudemos comparar as listas elaboradas manualmente com aquelas geradas pelo programa e, ainda, constatar a validade dos termos. Os procedimentos adotados foram importantes para a identificação de termos que, se processados somente no programa, não seriam incluídos, por aparecerem poucas vezes, tendo, portanto, baixa frequência.

Entendemos que privilegiar apenas os termos com maior número de ocorrência não nos permitiria registrar alguns termos peculiares, alguns deles com baixa ocorrência ou que só aparecem uma vez, mas que, nem por isso, são menos importantes para a nossa pesquisa; pelo contrário, os *hapax* mostram o quanto esse termo está ligado a uma realidade particular, a uma forma de entender esse universo por meio da visão das quebradeiras de coco.

---

Após a recolha e a identificação dos termos, criamos critérios para selecionar os grupos sinonímicos que serão analisados neste trabalho.

Os conjuntos de termos e suas variantes são constituídos pelos termos principais e seus respectivos sinônimos. Para eleger o termo principal de cada grupo sinonímico, consideramos o critério da frequência, ou seja, o termo mais utilizado no corpus.

Com a organização dos conjuntos de termos e suas variantes, selecionamos os termos que são sinônimos do termo principal motivados pelo processo metafórico e pelas relações de hierarquia. Após a seleção dos termos e suas variantes, analisamos, para este trabalho, quatro conjuntos sinonímicos.

### 3 ANÁLISE DA SINONÍMIA DOS TERMOS NO UNIVERSO TERMINOLÓGICO DO BABAÇU

Em função da melhor compreensão das análises, trouxemos alguns esclarecimentos no que tange aos dicionários utilizados para embasar as análises e à disposição dos termos que formam os grupos sinonímicos nas figuras apresentadas no item 3.1.

Por isso, partindo dos esclarecimentos de uso dos dicionários, salientamos a necessidade de buscar o registro de alguns termos em diversos dicionários, uma vez que as definições de alguns termos encontradas nessas obras, muito embora não tenham a mesma acepção no universo da terminologia do babaçu, facilitam a compreensão/associação dos termos sinônimos, cujos conceitos, muitas vezes, apresentam características que estabelecem intersecção com os conceitos apresentados na terminologia ora estudada. Além disso, com a pesquisa em dicionários, pudemos ainda encontrar a etimologia dos termos. A pesquisa etimológica foi imprescindível para entendimento de alguns termos, sobretudo, em relação àqueles que são de origem indígena ou africana.

---

O acesso a dicionários tornou a análise dos termos mais rica e consistente. Entretanto, o desafio de encontrar alguns termos registrados nos dicionários gerais da língua portuguesa nos fez buscar uma maior variedade de tipos de dicionários – gerais da língua portuguesa, etimológicos, específicos – e ainda vocabulários regionais.

Para uma melhor leitura do texto que trata das análises, elaboramos siglas para cada um dos dicionários utilizados. Nessa direção, apresentamos a seguir os dicionários utilizados nas análises que constam neste artigo.

a) Dicionários gerais da língua portuguesa

NDLLP – Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa (1996)

DHLP – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009)

MDLP – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (1998)

b) Dicionários etimológicos

DELPN – Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1955)

DENFLP – Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa (1996)

c) Dicionários específicos

DHOT – Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi (1989)

DBB – Dicionário Banto do Brasil (1993-1995)

MCA – O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia (2013)

d) Vocabulários regionais

LPM – A Linguagem Popular do Maranhão

VAB – Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro

Considerando a organização dos grupos sinonímicos e a disposição dos termos nos micromapas conceituais, apresentamos algumas orientações para

---

identificação dos termos principais e dos termos sinônimos nas figuras apresentadas nas análises, a saber:

- 1º: os retângulos com bordas arredondadas com sombras de cor laranja representam os termos;
- 2º: os retângulos com sombras azuis representam o tipo de processo de relação sinonímica estabelecido, estando a tipologia do processo grafada com letras minúsculas;
- 3º: o termo principal em cada micromapa conceitual está grafado com letras maiúsculas;
- 4º: os termos sinônimos encontram-se em letras minúsculas e em itálico;
- 5º: as flechas que apontam para duas direções indicam que a relação entre os termos é bidirecional;
- 6º: os conjuntos sinonímicos estão organizados em ordem alfabética dos termos eleitos como principais.

Feitos os esclarecimentos, entendemos que agora podemos avançar para a análise dos conjuntos sinonímicos a serem apresentados a seguir.

### **3.1 Conjunto de termos sinônimos motivados por relações metafóricas**

Antes de iniciar as análises motivadas por relações metafóricas, cabe ressaltar o entendimento teórico abordado neste texto de metáfora, considerando as diversas visões acerca desse fenômeno. O estudo da metáfora tem sido discutido por muitos estudiosos e tem sido abordada em diferentes perspectivas. De modo geral, temos a visão aristotélica, que remonta do século VIII, época em que a metáfora era entendida como um mecanismo estilístico da linguagem, restrito à retórica e à literatura, e a do século XIX até os dias atuais, quando se admite que a metáfora é um mecanismo fundamental para a compreensão das diversas experiências humanas e está presente no cotidiano.

Neste texto, entendemos a metáfora com base na perspectiva cognitiva elaborada por Lakoff e Johnson (2015, p. 41), a saber: Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), que entende que a “essência da metáfora é entender e

---

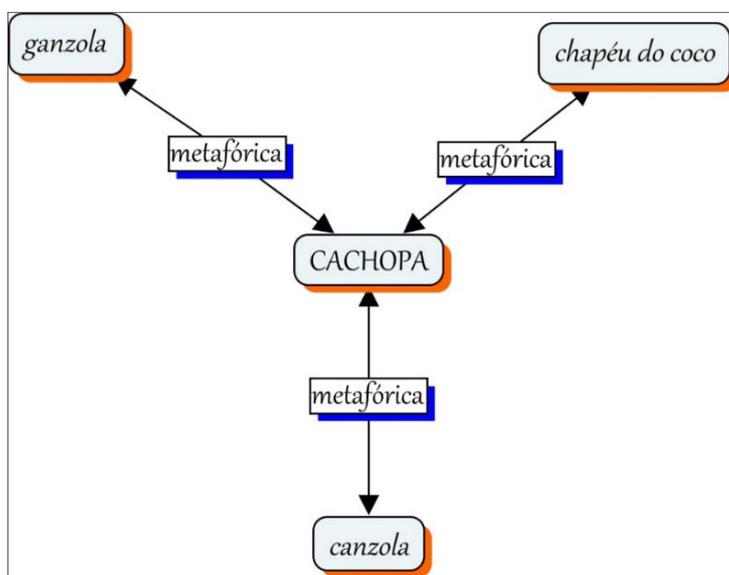
experimentar um tipo de coisa em termos de outra”. Desse modo, a metáfora é entendida como um recurso utilizado pelos seres humanos em seu cotidiano, em suas vivências e em suas experiências, “(...) a metáfora permeia o cotidiano, não só a linguagem, mas também o pensamento e a ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (LAKOFF; JOHNSON, 2015, p. 39, tradução nossa).

É ancorada nessa visão que compreendemos o papel fundamental da metáfora para a conceituação de novas realidades, situação que acontece nos domínios técnico-científicos.

Nas análises apresentadas no item 3.1.1, os conjuntos sinonímicos são motivados por processos metafóricos; nesse grupo, é possível observar/inferir quais traços semânticos são evidenciados na conformação das metáforas, uma vez que as quebradeiras se utilizam do léxico da língua comum para conceituar realidades de um universo especializado, atribuindo às entidades presentes nesse universo sentidos que estão relacionados as suas experiências/vivências e a sua compreensão do mundo. Nesse processo, em se tratando do ato de nomeação, elas experimentam um tipo de coisa em termos de outra, sobretudo no que tange aos traços *forma* e *função*.

### 3.1.1 Cachopa: ganzola, chapéu de coco, canzola

Figura 1: Relações sinonímicas do conjunto *cachopa*



Fonte: elaborada pela autora

Figura 2: Foto do *cachopa*



Fonte: Projeto ALiMA

Segundo as quebradeiras de coco, *cachopa* é a casca em forma de chapéu que prende o coco babaçu no cacho. Partindo desse conceito, o termo *cachopa* estabelece relações sinonímicas com os termos *ganzola*, *canzola* e *chapéu do coco*. Essas relações têm motivações metafóricas, uma vez que os termos variantes, *a priori*, não estabelecem relação direta com o conceito do termo *cachopa*.

---

É interessante comentar, em relação ao primeiro par *cachopa/ganzola*, que esses termos, partindo do conceito empregado pelas quebradeiras, possuem traços semânticos que os aproximam, fazendo com que *ganzola* seja utilizado para designar *cachopa*. O termo *ganzola*, segundo o DHLP, é um regionalismo do Maranhão e significa uma brincadeira de pique, ponto em que se está a salvo. Essa brincadeira infantil é similar à brincadeira chamada pega-pega, e *ganzola* é o ponto, local, estabelecido pelos participantes onde não se pode pegar, ou seja, o participante encontra-se protegido ao estar na *ganzola*. É importante considerar que, por ser um regionalismo do Maranhão e estarmos tratando de termos que fazem parte do discurso de uma atividade que é majoritariamente maranhense, é comum o uso de regionalismo como os do universo do babaçu.

É com base na acepção encontrada no DHLP, ponto em que o participante da brincadeira está salvo, que encontramos proximidades, ou seja, traços comuns entre os termos *ganzola* e *cachopa*. Esses traços podem ser percebidos em se tratando do aspecto proteção, assim como a *ganzola* protege o participante na brincadeira de pique, a *cachopa* protege o coco na palmeira de babaçu. A *cachopa* abriga o coco e o prende para que ele não caia. Desse modo, a variante *ganzola* apresenta características essenciais em seu conceito para a compreensão da relação de sinonímia com o termo *cachopa*, as quais são evidenciadas pelo traço semântico *proteção*.

No que concerne ao segundo par de sinônimos, *cachopa/canzola* é possível estabelecer uma relação metafórica similar à do par *cachopa/ganzola*. De acordo com nossas pesquisas realizadas não só em dicionários gerais, mas também em vocabulários e dicionários específicos, encontramos no VBA uma possível motivação etimológica para o uso do termo *canzola*. *Canzola* seria uma ampliação da palavra *canzo*, que, segundo o VBA (p. 199), provém do *kimbundo kanzo*, que quer dizer *casa*. Vale comentar que a palavra *casa* remete ao imaginário de moradia, abrigo, proteção.

Considerando essas características, *cachopa/canzola* se aproximam pelo fato de os dois conceitos abrigarem características essenciais e comuns entre si: *abrigo* e *proteção* e, de forma secundária, *moradia*, uma vez que a *cachopa* é o local onde o coco “mora”.

Já na relação *cachopa/chapéu do coco*, a metáfora pode ser evidenciada por meio da relação estabelecida entre o termo *cachopa* e o primeiro constituinte do sintagma *chapéu do coco*. Observamos que o termo com uso da metáfora, *chapéu do coco*, é facilmente recuperado no conceito de *cachopa*, uma vez que *chapéu* abriga características relacionadas ao formato – redondo – e à função – proteção. A *cachopa* e o *chapéu*, além de possuírem traços em comum, possuem formas semelhantes. O *chapéu* é usado para cobrir a cabeça, para protegê-la do sol ou da chuva, assim como a *cachopa* cobre o coco e o protege do sol e da chuva.

Vale ressaltar que a palavra *chapéu* é bastante utilizada na botânica para designar cogumelos, arbustos e plantas em geral, entretanto, em se tratando da parte da palmeira, podemos constatar a utilização do recurso metafórico.

### 3.1.2 Palmeira macho: palmeira manina

Figura 3: Relação sinonímica do conjunto *palmeira macho*



Fonte: elaborada pela autora

No par em análise, a metáfora está presente no determinante do termo sintagmático *palmeira manina*. Os termos que compõem este grupo se referem à palmeira de coco babaçu que não dá frutos. O determinante *macho*, denotativamente, de acordo com o DHLP (p.1210), registra em uma de suas

acepções, em se tratando de plantas, aquela que “não produz frutos”. A relação estabelecida pelo conceito do termo é facilmente resgatada, sendo mais evidente e clara essa designação, diferentemente do determinante do sintagma *palmeira manina*.

Para entender o uso do determinante *manina* para designar a palmeira de babaçu que não produz frutos, lançamos mão do MDLP (p. 1315), no qual encontramos o registro do termo *manina* como designativo “da vaca que não emprenha”. Convém destacar que *manina* é, segundo o MDLP, uma corruptela de *maninha*, que significa “estéril, infecundo”. Embora o uso do termo *manina* não possibilite uma associação automática, pelo fato de que se trata de uma planta, a aproximação semântica é feita por meio dos conceitos relacionados ao mundo animal e vegetal, traços presentes em ambos, como o da *infertilidade*.

### 3.2 Conjunto de termos sinônimos motivados por relações de hierarquia: hiperonímia/hiponímia

#### 3.2.1 Paçoca de babaçu: farofa

Figura 4: Relação sinonímica do conjunto *paçoca de babaçu*



Fonte: elaborada pela autora

---

O par *farofa/paçoca de babaçu*, assim como em outros conjuntos já apresentados, possui uma relação de hiperonímia/hiponímia. Em outras palavras, conceitos superordenados e subordinados que podem ser evidenciados entre o termo *farofa* e o primeiro constituinte do sintagma *paçoca de babaçu*. Esses termos, no discurso das quebradeiras de coco, são sinônimos usados para designar a mistura feita com farinha e azeite de coco babaçu, podendo ser acrescentados outros ingredientes.

No conjunto em análise, o termo mais genérico é *farofa*, por possuir traços mais gerais, e o mais específico, *paçoca de babaçu*, por possuir traços mais específicos, que podem ser agregados aos gerais. Por exemplo, o termo *farofa* – que, segundo o DBB, quer dizer “mistura de farinha com gordura e às vezes com outros alimentos” (p. 100) ou ainda, de acordo com o NDLLP, “Farinha de mandioca torrada ou escaldada com manteiga ou banha, às vezes misturada com ovos, carne” (p. 834) – agrega o conceito empregado pelas quebradeiras de coco, pois entre estas é considerado como a mistura de farinha com um ingrediente gorduroso.

*Paçoca*, por sua vez, restringe os ingredientes e a forma como é feita. Na busca de definições mais específicas, encontramos *paçoca* registrada no MCA, que a define como “a amêndoa da castanha assada – e socada num pilão com farinha-d’água, sal e açúcar. Reduzido tudo a pequeninos grãos, impregnada a farinha de óleo e açúcar (...)” (p. 130). Embora na definição encontrada no MCA, *paçoca* remeta ao doce e não à *farofa*, podemos ativar o traço que remete à forma como é feita a *paçoca* (doce) e assim associar *paçoca* a *farofa*. Essa característica no trato para fazer a *paçoca* é evidente quando buscamos a etimologia do termo, que, segundo o DHOT, é de origem tupi “‘pa’soka ~ *Pilar no pilão*=Aioçoc. (...) Iguaria preparada com carne socada no pilão” (p. 225-226), e, segundo o DELPN, vem do tupi “*paçoca, de po-çoc*, «esmigalhar com a mão»” (p. 276). Com base nessas informações de natureza etimológica, inferimos que, para a

obtenção da *paçoca*, necessita-se pilar/esmigalhar a farinha, enquanto que para se obter a *farofa* torna-se necessário fazer apenas a mistura.

Desse modo, *paçoca* é mais específico, pois abriga em seu conceito características que restringem a sua feitura, enquanto que *farofa*, termo mais genérico, abriga as características de *paçoca de babaçu*. Para o DENFLP, *paçoca* é a “Iguaria preparada com carne desfiada e farinha de mandioca socada no pilão” (p.570). Há mais um argumento que dá sustentação à relação sinonímica ora analisada: a inserção de ingredientes como a carne desfiada na feitura da *paçoca*.

### 3.2.2 Esteira: meassaba<sup>8</sup>

Figura 5: Relação sinonímica do conjunto *esteira*



Fonte: elaborada pela autora

<sup>8</sup> Segundo a obra *Linguagem Popular do Maranhão*, de Domingo Vieira Filho, folclorista e escritor maranhense, a palavra *meassaba* pode apresentar as formas registradas em sua obra *mensaba* e *meansaba*, como podemos observar no excerto: “Também na cidade ele tem o mesmo viver relaxado, em sórdidas palhoças quase sem utensílios nem movéis, comendo no chão com uma meansaba por toalha” (1979, p. 69).

Figura 6: Foto da *esteira*



Fonte: <http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com.br/2012/11/1-oficina-de-artesanato-e-saberes.html>

Assim como em outros conjuntos, o par *esteira/meassaba* possui conceito superordenado e subordinado. Nesse conjunto, *esteira* é o termo que possui características mais genéricas, estando num nível maior de hierarquia em relação a *meassaba*. De acordo com o DHLP, *esteira* pode ser um tecido feito de vários materiais e tem função diversificada; já no discurso das quebradeiras *esteira/meassaba* é o tecido trançado, em tiras entrelaçadas, usando-se a palha do olho da palmeira de babaçu. Considerando o contexto da atividade de quebra do coco babaçu, o termo *esteira*, embora contenha características específicas, ainda permanece sendo o termo mais genérico, inclusive pela abrangência do uso.

Em se tratando do termo *meassaba*, sinônimo de *esteira*, verificando dicionários específicos e vocabulários como o LPM, conseguimos encontrar *meassaba* neste último, com a seguinte acepção: “esteira comprida que abre e fecha com várias utilidades, feita de folha de pindova” (LPM, p. 68). Desse modo, *esteira* e *meassaba* possuem traços bastante similares, o que os distingue é o traço atinente ao material com o qual é feito o objeto. Assim, *esteira* é hiperônimo de *meassaba*, uma vez que engloba em sua acepção diversos tipos de materiais, enquanto *meassaba*, termo hipônimo, restringe seu uso ao material, tendo que ser feito necessariamente de palha de pindova.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise dos dados buscou-se reconhecer os termos sinônimos e os processos que motivam a presença desses sinônimos na terminologia do babaçu do Maranhão, com base na fala das quebradeiras de coco. A seleção e análise dos dados nos permitiram fazer algumas afirmações que se encontram sintetizadas nos seguintes pontos:

- Há discussões entre os estudiosos que se debruçam sobre o fenômeno da sinonímia, tanto no âmbito da Semântica, quanto no da Terminologia, e muitos deles divergem; alguns consideram a existência da sinonímia perfeita, outros, a quase-sinonímia.
- A sinonímia é vista, por alguns autores, como um empecilho no discurso especializado, enquanto outros autores a reconhecem e aceitam como um fenômeno intrínseco e imprescindível nas terminologias.
- Ratificando a ideia de alguns autores que reconhecem e aceitam a sinonímia no discurso especializado, nosso trabalho evidencia a presença significativa da sinonímia.
- Foram analisados quatro conjuntos sinonímicos com 10 termos.
- O uso de dicionários gerais, etimológicos e específicos e vocabulários regionais foram imprescindíveis na busca das acepções, origens e etimologias dos termos, com vistas a realizar uma análise mais rica e consistente. No total foram consultadas 10 obras lexicográficas.

As quebradeiras, ao nomearem as entidades presentes na atividade de quebra do coco, demonstram o conhecimento empírico da atividade e a criatividade no ato de nomeação.

---

Os termos usados pelas quebradeiras de coco configuram a visão que elas têm desse universo, e o registro desses termos é de suma importância para preservar a memória cultural, que envolve não só a economia, mas também uma tradição passada de geração para geração.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mariângela. *A elaboração de um dicionário terminológico da economia: aspectos da sinonímia nos discursos especializados* – SP. 2006. 136f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo.

AUGER, Pierre. Essai d'elaboration d'un modele terminologique/ terminographique variationniste. In: *TradTerm*. v. 7. São Paulo: Humanitas, 1994.

AULETE, Caldas. *Novíssimo dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BARBOSA, Maria Aparecida. Parassinonímia, funções e relatividade. *Revista do GELNE/Universidade Federal do Ceará*, v. 1, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/ Empúries, 1993.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada – Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CARRAZZA, Luis Roberto; SILVA, Mariane Lima da; ÁVILA, João Carlos Cruz. *Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto do Babaçu*. Brasília – DF. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). Brasil, 2012.

CASTRO, Yeda Pessoa de Castro. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Salvador: Topbooks, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das palavras Portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos; Editora Universidade de São Paulo, 1989.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dic. Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Cienc. Cult.*, v. 58, n. 2, 2006.

---

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas de la vida cotidiana*. Tradução de Carmen González Marín. Madrid: Ediciones Cátedra, 2015.

LOPES, Nei. *Dicionário Banto do Brasil*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Centro Cultural José Bonifácio, 1993-1995.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. 5 v.

MARANHÃO, Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, Frei. Poranduba maranhense. Separata da *Revista de Geografia e História*, n. 1, 1946.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramento, 1998.

MORAIS, Raimundo. *O meu dicionário de cousas da Amazônia*. Brasília: Senado Federal, 2013.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955. 2 v.

Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa. Porto: Lello Editoras, 1996.

SOUZA, Osvaldo Martins Furtado de. *Caderno de Têrmos Aplicados à Agricultura*. 2. ed. Recife, 1970.

STRADELLI, Ermano. *Vocabulário Português-Nheengatu, Nheengatu-Português*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

ULLMANN, Stephen. *Uma introdução à ciência do significado*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIEIRA FILHO, Domingos. *A linguagem popular do Maranhão*. São Luís: São Luís, 1979.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Trad. de María Teresa Cabré. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada/Universitat Pompeu Fabra, 1998.

---

*Nota do editor:*

*Artigo submetido para avaliação em: 30 de setembro de 2022.*

*Aprovado em sistema duplo cego em: 25 de fevereiro de 2023.*